

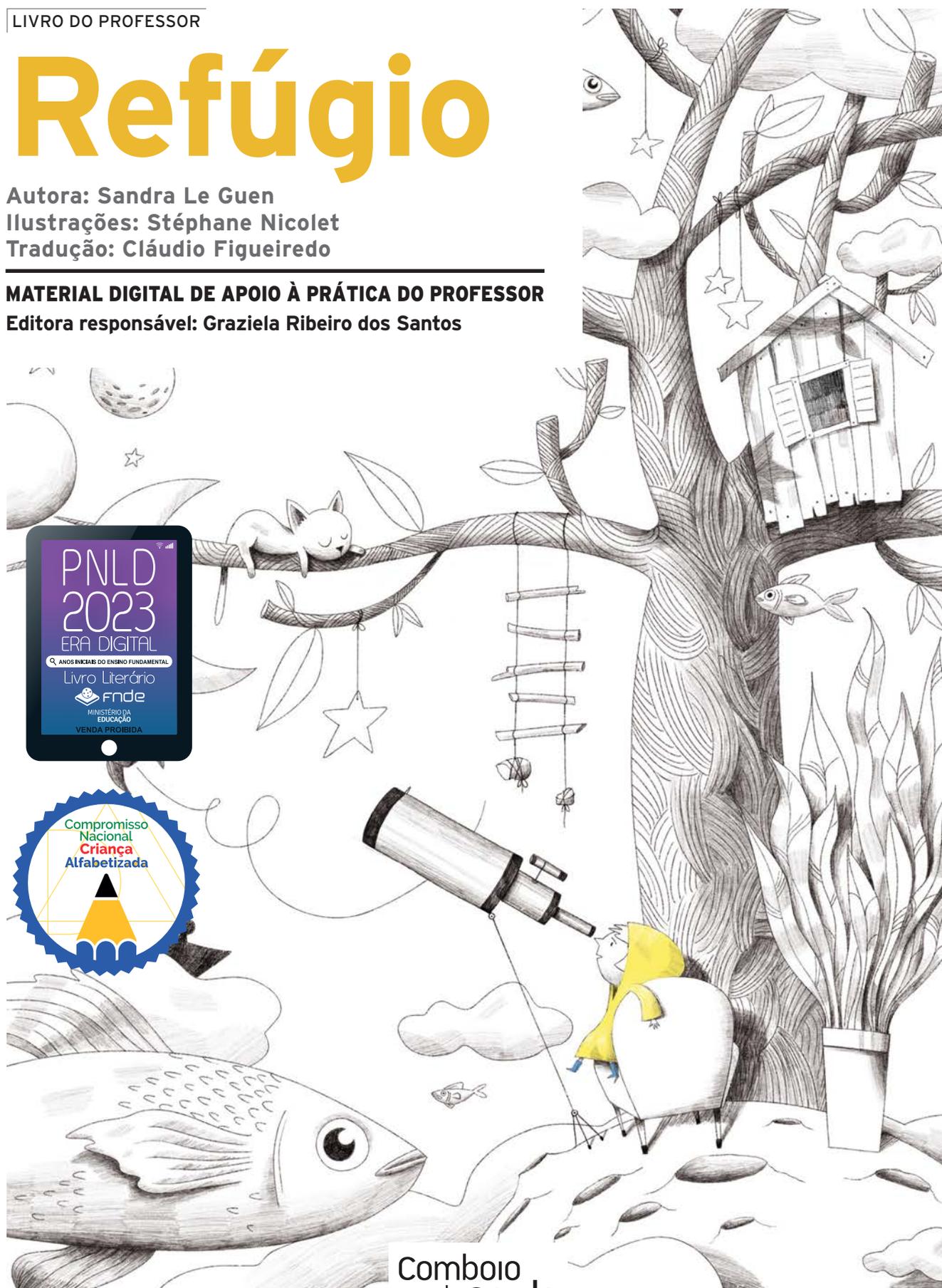
LIVRO DO PROFESSOR

# Refúgio

Autora: Sandra Le Guen  
Ilustrações: Stéphane Nicolet  
Tradução: Cláudio Figueiredo

**MATERIAL DIGITAL DE APOIO À PRÁTICA DO PROFESSOR**

Editora responsável: Graziela Ribeiro dos Santos



Comboio  
de Corda

## Cara professora, caro professor,

*Refúgio* oferece a você a oportunidade de abordar com os estudantes de 4º e 5º anos questões da maior relevância no mundo contemporâneo: a guerra e o exílio, responsáveis pelo grande contingente de refugiados em situação de vulnerabilidade social. A autora da obra, a francesa Sandra Le Guen, é formada em Jornalismo e tem vários livros infantojuvenis publicados. Ela também teve, por seis anos, um *blog* chamado *Maman Baobab* (Mamãe Baobá), no qual escrevia sobre livros, leitura e maternidade. O ilustrador Stéphane Nicolet também é francês e, antes de ilustrar literatura para crianças e jovens e histórias em quadrinhos, trabalhou na indústria de alimentos. O tradutor carioca Cláudio Figueiredo, por sua vez, é jornalista e também escritor premiado, além de redator de humor em uma rede de televisão.

Embora a Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados seja de 1951, o problema para o qual ela busca solução perdura e, sob muitos aspectos, agrava-se no momento presente. Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) estimavam, no fim de 2020, a existência de 82,4 milhões de pessoas forçadas a se deslocar (ACNUR, 2020). Desse total, algo entre 30 e 34 milhões eram crianças. No Brasil, segundo o Comitê Nacional de Refugiados, havia 43 mil refugiados até 2020, número sete vezes maior que o existente em dezembro de 2019. Não bastasse isso, constata-se também que esses deslocamentos ainda acentuam a desigualdade social.

No âmbito educacional, por exemplo, as realizações e conquistas de imigrantes, refugiados e seus filhos tendem a ser menores do que a dos nativos (UNESCO, 2019), razão pela qual é papel dos sistemas educacionais promover a inclusão e assegurar a equidade, adaptando-se às necessidades dos refugiados e preparando a comunidade escolar para lidar com a diversidade e com os traumas provocados pelo desenraizamento.

Nesse cenário desolador, a literatura infantojuvenil tem muito a oferecer, tanto a leitores em situação de vulnerabilidade, como é o caso dos refugiados, como àqueles nos quais se deseja incutir o respeito “aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais [...], sem preconceitos de qualquer natureza”, como expressa a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p. 10). Aos leitores em situação de vulnerabilidade, a literatura, independentemente dos temas que aborde, converte-se em uma espécie de espaço ou refúgio, na medida em que lhes permite ler as palavras de modo vital e constituir uma imagem de si não submetida ao entorno adverso (PETIT, 2017). Para os demais, ao enfrentar o problema dos imigrantes e refugiados de uma perspectiva infantil, a literatura oferece oportunidades de identificação e empatia, contribuindo para uma educação inclusiva e democrática, a salvo da xenofobia.

Em relação à maneira específica com a qual a autora e o ilustrador de *Refúgio* trabalham o tema, abrem-se outras possibilidades de exploração da obra, sobretudo pelo jogo entre a compreensão mais realista da condição do refúgio (a perda das referências familiares, a barreira linguística, as agruras no deslocamento) e a construção de um espaço onírico

onde se reúnem a protagonista e sua amiga estrangeira. Nesse espaço, é possível projetar certa expectativa de futuro, como o sonho de ser astronauta, partilhado pelas personagens.

O jogo entre terra e céu, a realidade da guerra e o sonho de um futuro sem fronteiras se estabelece também na relação entre o texto de Sandra Le Guen, em que predomina o viés realista, e as imagens de Stéphane Nicolet, de feição mais surrealista. Conforme se ressaltou no paratexto ao final do livro, as imagens expressam, de modo indireto e muito lírico, o drama do desenraizamento. Tal sobreposição de sentidos, ou polissemia, tanto no plano verbal quanto no visual, demanda do leitor uma postura bastante ativa e atenta aos aspectos multissemióticos do livro, considerando o papel cada vez mais decisivo desempenhado pela intermodalidade nas práticas de linguagem contemporâneas.

A polissemia e a intermodalidade favorecem o aprimoramento de componentes essenciais para a alfabetização, como o **desenvolvimento de vocabulário**, a **compreensão de textos** e a **produção de escrita**. Considerando ainda o impacto da experiência de exílio retratada no livro e a importância dos laços familiares como proteção contra a adversidade, *Refúgio* também se reveste de especial interesse para as práticas de **leitura dialogada** com familiares ou responsáveis pela criança, propiciando o desenvolvimento da **literacia familiar**.

Nas próximas páginas, reunimos propostas de atividade e sugestões de interpretação destinadas a ajudar você a explorar a obra em sala de aula, o que não impede a adoção de outros encaminhamentos, condizentes com a rotina escolar, o perfil dos estudantes e o planejamento letivo. Ao fim deste material, um glossário contextualiza termos relativos à BNCC e à Política Nacional de Alfabetização (PNA), destacados em negrito ao longo do texto. Esperamos, desse modo, contribuir para que a leitura com os estudantes constitua uma experiência prazerosa, de descoberta do mundo e expressão da subjetividade, tanto para as crianças quanto para você. Bom trabalho!

**A editora**

# Sumário

## 1. Aspectos formais e temáticos da obra 5

- A LITERATURA COMO REFÚGIO 5
- O GÊNERO LITERÁRIO 6
  - Conto 6
- AS ILUSTRAÇÕES 8
- OS TEMAS 10
  - Família, amigos e escola 10
  - Encontros com a diferença 11
  - Autoconhecimento, sentimentos e emoções 12
  - O mundo natural e social 12

## 2. Propostas pedagógicas 13

- A LEITURA DIALOGADA DA OBRA 13
  - Pré-leitura 13
  - Leitura 14
  - Pós-leitura 15
- OUTRAS ATIVIDADES 15
  - Pesquisa sobre refugiados 15
  - “O que quer, o que pode esta língua?” 17
  - Ler e escrever com as estrelas 19
- AVALIAÇÃO 20

## 3. Materiais complementares 22

- PARA OS PROFESSORES 22
- PARA OS ESTUDANTES 23

## 4. Bibliografia comentada 25

## 5. Glossário 27

- POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (PNA) 27
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) 28

# 1. Aspectos formais e temáticos da obra

## A LITERATURA COMO REFÚGIO

A condição dos refugiados por motivo de guerra é marcada pela extrema vulnerabilidade social. Frequentemente eles são hostilizados por discursos xenofóbicos, associados ao racismo, que muitas vezes ressaltam a condição ilegal dos migrantes, caracterizados como invasores, gente de comportamento duvidoso que chegou para ocupar, num contexto de escassez, vagas no mercado de trabalho, nas instituições de ensino, nos serviços de saúde, etc. Trata-se de uma visão bastante distorcida da realidade dessas pessoas, cuja desvantagem no acesso a esses serviços básicos amplia-se ainda mais em países de refúgio, onde elas são vistas como uma ameaça potencial a ser combatida (BAUMAN, 2004).

Por sorte, há também dispositivos destinados a assegurar a perspectiva dos direitos humanos na política migratória, a começar pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948 (cujos artigos 14 e 15 mencionam o direito a buscar proteção em outros países em situações de perseguição política e a mudar de nacionalidade), passando pela Convenção da ONU sobre o Estatuto dos Refugiados até chegar às ações do ACNUR e a relatórios como o de Monitoramento Global da Educação de 2019, feito pela Unesco, “Migração, deslocamento, educação: construir pontes, não muros” (UNESCO, 2018), que valoriza o impacto da educação de refugiados e migrantes para a promoção da inclusão e do desenvolvimento econômico não apenas nos países de acolhimento, mas também nos países de origem.

No caso específico do Brasil, merecem menção a Lei de Refúgio Brasileira (Lei n. 9.474, de 22 de julho de 1997) e, mais recentemente, a nova Lei de Migração (Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017), cujo artigo 3º prevê “o repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação” (inciso II) e a acolhida humanitária (inciso VI).

Tudo isso para, novamente, frisar a relevância do problema central abordado no livro que você tem em mãos. Se as migrações e os deslocamentos representam um desafio geopolítico a ser enfrentado por meio de políticas sociais, medidas legais, administrativas, educativas, etc., qual é o papel desempenhado pela literatura diante do desenraizamento contemporâneo?

De modo amplo, os livros oferecem uma espécie de morada simbólica endereçada à “parte exilada” de cada um de nós, considerando que a própria escrita literária é uma forma de extinguir fronteiras, reunir o que ficou cindido, completar o inacabado, agarrar o perdido, reconstruir épocas e sítios extintos (PETIT, 2017). De modo mais específico, além do potencial das narrativas literárias para gerar situações de acolhimento, sobretudo quando trabalham a questão da diferença e da pluralidade cultural, cumpre pensar em histórias como a de *Refúgio*, com personagens refugiados às voltas com o desafio da adaptação aos países de destino.

Para leitores que já passaram por situações similares, o contato com esses livros pode estimular certa identificação, bem como a elaboração das angústias inerentes aos processos de exílio e migração. Quanto aos demais leitores, que não atravessaram situações equivalentes, a leitura estimula a empatia, a solidariedade e o reconhecimento da importância de proteger os que se encontram em situação de desamparo, por vezes separados de parentes queridos (como Ileana, afastada do avô médico, que ficou em seu país natal para auxiliar as vítimas da guerra), privados de suas paisagens familiares e de seu ambiente cultural.

## O GÊNERO LITERÁRIO

### Conto

No paratexto ao final do livro, menciona-se o gênero a que a obra pertence (o conto) e se ressalta o viés predominantemente realista do texto e surrealista das ilustrações, dimensões que se articulam de modo expressivo. Desse modo, vale a pena você retomar também as características do gênero textual apresentadas ali, que usam como critérios classificatórios a extensão do texto, a unidade em termos de tempo e espaço, o número reduzido de personagens e a organização da ação em torno de um conflito central (justamente o abandono do país natal, as agruras da viagem e a adaptação ao país de acolhida).

Em artigo recente, no qual se analisam sete obras infantojuvenis, de autores nacionais e estrangeiros, publicadas no Brasil e dedicadas ao problema do desenraizamento, Bonin *et. al.* (2021) identificam certos traços recorrentes. Em alguns desses livros, a história começa antes da situação que desencadeia o deslocamento, e a ênfase recai sobre a transformação do local de origem, retratada de maneira dramática. Em outros, o ponto mais desenvolvido da narrativa é a viagem, cheia de perigos e reviravoltas. Em alguns casos, a criança protagonista é obrigada a se separar de um dos genitores (geralmente o pai) ou a empreender a viagem desacompanhada. É também comum que a descrição verbal dos desconfortos experimentados durante a viagem seja feita em termos sensoriais (fome, frio, nostalgia de cheiros e sabores do país de origem), como estratégia para aproximar o leitor, que se identifica com base nas próprias experiências sensoriais. Há, por fim, narrativas que dedicam mais espaço ao período de adaptação, à chegada ao país de acolhida, apresentando em retrospectiva a viagem de fuga e a vida pregressa no país natal.

Em algumas histórias, evidencia-se a precariedade material (pobreza, desemprego, privação) na vida dos protagonistas e de suas famílias, bem como diferenças étnicas entre eles e a população do país de destino. Naquelas que apresentam de modo mais desenvolvido o momento de adaptação pós-deslocamento, a escola costuma desempenhar papel importante e positivo no que tange à integração das crianças de origem estrangeira.

Por fim, na maioria das histórias o desfecho é feliz, confirmando os direitos (ao acolhimento, à escolarização, ao trabalho, à liberdade, à diferença cultural e linguística) dos refugiados.

Com base na descrição das linhas de força dessa pequena amostra, podemos pensar em certos diferenciais de *Refúgio*. Nessa história, narrada em 3ª pessoa, o foco incide mais sobre a personagem Joana. É por seu intermédio que ficamos sabendo da existência de Ileana, a menina refugiada. A reconstituição da fuga de Ileana e sua família é feita em retrospectiva, pois a ação do conto se passa já no país de acolhimento.

Há indeterminação geográfica tanto do país de origem quanto do país onde Ileana e sua família encontram refúgio, e indeterminação histórica da guerra que precipita a fuga – o que talvez amplie a margem de identificação do leitor, autorizado a projetar aí as referências de sua preferência. Por outro lado, há certa determinação de classe, já que Ileana vem de uma família de médicos (pai e avô), profissionais qualificados, possivelmente de classe média ou média alta, e é branca como Joana e as demais personagens. À barreira linguístico-cultural não se somam outras, de natureza étnica, diferentemente do que ocorre em outras histórias infantis sobre desenraizamento.

No que concerne à travessia de barco, vemos o recurso às descrições sensoriais, mencionado anteriormente: “Foi difícil aguentar. As ondas batiam contra o barco, o sol ardia direto na cabeça. Ela me disse que mesmo assim ficou com muito frio. Também sentiu fome e sede” (p. 19).

Outro traço diferencial do texto é o uso do céu como uma espécie de *motivo condutor* que alinhava vários trechos do conto: o céu que Joana investiga pelo telescópio no início da história; o céu que Ileana ficou olhando na travessia marítima e cujas estrelas serviram de bússola durante a perigosa viagem; o céu como espaço sem fronteiras; o céu como espaço de refúgio, sonho e brincadeira, conforme sugere a imagem final da amarelinha no firmamento.

Além de conferir mais unidade ao conto, ligando diferentes momentos da trajetória de Joana e Ileana, esse motivo condutor também possibilita um trabalho com os estudantes muito apoiado na exploração da polissemia do texto, fomentando a consolidação progressiva dos componentes essenciais para a alfabetização **desenvolvimento de vocabulário e compreensão de textos**.

Você pode, por exemplo, estimular os estudantes a levantar todo o campo semântico da palavra “céu” (sobretudo os sentidos mais contrastantes, como os de “espaço sideral” e “estado de felicidade e bem-estar”), não apenas no texto e nas imagens, mas também em expressões idiomáticas presentes no cotidiano das crianças, como “estou no céu” (estou muito feliz) e “cair do céu” (algo bom que acontece repentinamente, sem demandar esforço algum).

Ainda em relação a esse último ponto, vale também a pena relacionar a menção, feita pela mãe de Ileana, ao céu como espaço sem fronteiras (p. 21), às dedicatórias de Sandra Le Guen e Stéphane Nicolet (p. 3): “À minha tribo e às tribos que, de tribo em tribo, derubam os muros, desenham as pontes, e apagam as fronteiras” (Sandra Le Guen) e “Para minha esposa e nossos filhos, meu refúgio” (Stéphane Nicolet). Tais dedicatórias contra-põem diferentes espaços de pertencimento que aparecem no conto: a família nuclear e a “tribo”, grupo mais extenso, cuja identidade não é definida em termos territoriais, mas antes por um ideal de fraternidade global, sem fronteiras.

Caso julgue conveniente, você pode problematizar com a turma o ideal de um mundo sem muros ou fronteiras, que aparece tanto nas dedicatórias quanto na parte ficcional do livro. Se, por um lado, as fronteiras podem oprimir (provocando guerras em nome da expansão territorial, confinando populações, etc.), por outro, podem igualmente assegurar a proteção para determinados grupos, salvaguardar sua cultura, sua identidade, seu modo de vida.

Sintetizando os comentários feitos sobre a construção desse conto ilustrado, destacamos a proeminência da personagem Joana, por meio da qual é reconstituída a história da família refugiada; a indeterminação do contexto histórico e geográfico (os países em jogo e a guerra que suscita o deslocamento não têm nome), confrontada com a determinação étnico-econômica de Ileana (menina branca, filha de pais profissionalmente qualificados); a importância da descrição sensorial da viagem de fuga, que reforça a identificação dos leitores com as personagens e, por fim, o alinhavo ficcional propiciado pelo motivo do céu, trabalhado em sentido concreto e figurado.

## AS ILUSTRAÇÕES

O rosto dos pais ou responsáveis pela criança é um dos primeiros “livros” ou “mapas” que o bebê aprende a decifrar no começo da vida. A essa decifração seguem-se muitas outras, relacionadas ao cotidiano dos indivíduos – ler os sinais (gráficos e alfabéticos) da cidade, em cartazes, *outdoors*, placas de rua; ler as imagens em movimento nas telas de celulares e computadores; ler livros, revistas, jornais. Em todas essas experiências, lemos imagens do mundo e de nós mesmos, imagens estáticas ou fugidias que nos envolvem o tempo inteiro. Bem antes de nos alfabetizarmos, aprendemos a decodificar tais imagens, que apresentam elevado nível de complexidade, comparável ao dos textos escritos, propiciando, portanto, o desenvolvimento da cognição em diversos âmbitos.

No que concerne ao livro com ilustrações, a atenção do leitor infantil é duplamente atraída, tanto pelas palavras (signos convencionais) quanto pelas figuras (signos icônicos). As duas categorias de signo, segundo a artista e pesquisadora Sophie Van Der Linden (2018), articulam-se de diversas maneiras a fim de exercer funções plásticas e semânticas – que podem ser desempenhadas seja pelo texto, quando ele funciona plasticamente (espalhando as palavras pela página, brincando com o tamanho e a fonte das letras, por exemplo) quanto pelas imagens, quando elas assumem função narrativa e/ou metafórica/simbólica.

Em obras literárias endereçadas a estudantes do Ensino Fundamental, a leitura de imagens e de objetos multissemióticos deve ainda levar em conta:

[...] as formas de composição e estilo de cada uma das linguagens que os integram, tais como plano/ângulo/lado, figura/fundo, profundidade e foco, cor e intensidade nas imagens visuais estáticas, crescendo, nas imagens dinâmicas e performances, as características de montagem, ritmo, tipo de movimento, duração, distribuição no espaço, sincronização com outras linguagens, complementaridade e interferência etc. [...].(BNCC, 2018, p. 81)

Finalmente, o processamento visual (PNA, 2019, p. 26) tira partido da crescente familiaridade com os recursos da linguagem multissemiótica e visual, desde que se respeite, é claro, a sensibilidade particular de cada estudante, que reage a diferentes estímulos de modo variado.

No decorrer da **leitura dialogada**, você deve encorajar a manifestação dessa multiplicidade, aprimorando a compreensão da turma acerca dos elementos que compõem a linguagem visual (o enquadramento, a seleção cromática, o uso da luz, a gestualidade do traço, etc.) Assim, devagarinho, os estudantes vão conquistar autonomia interpretativa, servindo-se de critérios próprios para ler as obras. Simultaneamente, vale incentivar a família das crianças a retomar com elas a leitura de imagens no ambiente doméstico, propiciando a **literacia familiar**. Essa experiência contribui para a fruição do texto literário, além de melhorar a *performance* nas atividades de leitura e escrita (PNA, 2019, p. 23).

Após essa introdução, vamos às ilustrações de Nicolet para o conto *Refúgio*. Mais de uma vez nos referimos à atmosfera surreal e onírica das imagens. Essa atmosfera está relacionada sobretudo à mistura muito livre de elementos retirados de diferentes planos – céu (astros) e mar (peixes), mundo natural (náutilos, flores, pássaros) e lúdico-tecnológico (o foguete vermelho com bolinhas vermelhas, por exemplo) –, que ainda se combina à sobreposição de desenhos (as ilustrações de Joana no interior de seu apartamento, na página 5, ou Ileana na sala de aula, nas páginas 12 e 13), e metadesenhos (como a imitação dos desenhos de Ileana, nas páginas 10 e 11).

Os elementos deslocados de seu “*habitat*” – peixes no céu, planetas no mar – representam poeticamente o deslocamento experimentado por Ileana, além de se assemelhar ao deslocamento presente na obra de certos pintores surrealistas (embora Nicolet trabalhe com desenho, não com pintura), como o belga René Magritte (1898-1967) e o espanhol Salvador Dalí (1904-1989).

Nicolet também brinca muito com as proporções e o ponto de vista. A evocação que Joana faz da amiga, por exemplo, corresponde às vezes à sua projeção em escala ampliada (p. 8). Quanto ao ponto de vista, ele por vezes adere à perspectiva infantil, sobretudo na representação dos adultos, que não aparecem de corpo inteiro, sendo vistos sempre de baixo, com destaque para os membros inferiores, conforme verificamos na imagem a seguir.

Outras vezes, a imagem opera inversões destinadas a expressar poeticamente a sobrecarga emocional das personagens. É o que vemos, por exemplo, na imagem em que Ileana carrega nas costas o barco no qual ela e sua família fugiram do país natal (p. 18-19).

Chegando ao lado de cá do oceano.  
Ilustração das páginas 24 e 25.

STÉPHANE NICOLET/REFÚGIO/ARQUIVO DA EDITORA



A paisagem é desértica, com plantas ressequidas e um esqueleto de peixe no canto inferior esquerdo. O mar, com ondas ameaçadoras, está *dentro* do barco, não sob ele. E na proa da embarcação, em vez de uma âncora, vemos uma estrela amarrada por um fio, simbolizando talvez uma tênue esperança. Na extremidade inferior direita, também deslocado de seu *habitat*, Nicolet põe um náutilo rajado, outro possível símbolo do viajante sem lugar definido, *outsider* que leva nas costas a própria moradia.

Afora isso, há também brincadeiras que conectam elementos de diferentes ilustrações, criando uma espécie de encadeamento narrativo entre as imagens. Por exemplo, a ilustração em que Ileana está traçada em branco sobre o céu azul, no alto do prédio onde mora Joana (p. 6-7), é retomada em outra composição com estrutura similar (p. 20-21). Outro exemplo: o padrão de bolinhas brancas sobre fundo vermelho do foguete, que aparece várias vezes ao longo da história, reaparece na estampa do vestido da mãe de Ileana (p. 23 e 25).

Uma imagem que se destaca também pela alta voltagem lírica é a da amarelinha celeste que fecha a história (p. 31). Inspirada pelo texto – “Joana e Ileana desenharam os quadrados da amarelinha na noite” –, ela condensa vários significados da narrativa e merece ser explorada mais detidamente com os estudantes. Sobre o céu estrelado, os autores fazem surgir um novo céu, justamente a casa final da amarelinha, aonde, em muitas versões da brincadeira, quem joga deve chegar, saltando numa perna só, para depois voltar, recuperando a pedrinha lançada de início. Este “céu no céu” tem teor metalinguístico; ele desdobra a linguagem brincando com os dois sentidos do termo: o céu como firmamento e como espaço lúdico, território do brincar. Não por acaso, a ilustração fecha a história, expressando talvez uma espécie de recuperação da infância, antes ameaçada pelas agruras da guerra e do exílio e, nesse momento, metonimicamente representada pela brincadeira (a fase da vida “substituída” por uma atividade muito característica dessa época). Ela ainda expressa a esperança de triunfo sobre a adversidade, graças à solidariedade e ao acolhimento experimentados no país de refúgio.

STÉPHANE NICOLET/REFÚGIO/ARQUIVO DA EDITORA



A viagem. Ilustração das páginas 18 e 19.

## OS TEMAS

### Família, amigos e escola

A construção da amizade entre Joana e Ileana acontece nos espaços cotidianos das personagens: a escola e o ambiente familiar. É interessante observar como esses lugares de construção de afeto e segurança emocional estão presentes na narrativa, tanto

na maneira como as relações são construídas como nos espaços físicos escolhidos como cenários da história. Afinal, é compreensível que a escola e a casa de familiares ou responsáveis amorosos sejam referências de acolhimento na infância. O paralelo que a autora desenvolve entre tais espaços reforça a construção da amizade das meninas e o sentimento de empatia e cuidado entre as duas. Pouco a pouco, as personagens se aproximam e somos convidados a participar da relação que se inicia. Primeiro, conhecemos Ileana por meio da descrição de Joana, que conta a novidade para seus pais (interessante perceber que vamos conhecendo sua história e suas características antes mesmo de sabermos seu nome); depois, a menina é convidada para brincar na casa de Joana, os pais aparecem na história e, por fim, o ápice da amizade e de seu reconhecimento acontece no aconchego da pequena casa de madeira instalada no alto de uma grande árvore.

Para formatar uma narrativa em que a intimidade entre duas personagens é construída e aprofundada, nada melhor do que explorar os espaços íntimos da rotina das crianças: a sala de casa, onde o gato se aconchega na poltrona (p. 5); a sala de aula, onde olhares afetuosos são trocados (p. 12); a presença do pai e mãe de ambas as crianças e o diálogo entre eles regado a docinhos caseiros e chá (p. 22-23). O contexto proporciona o acolhimento necessário para que assuntos delicados possam surgir e para que juntas, e com o respaldo de um ambiente emocionalmente seguro, as meninas possam contemplar o céu e, neste olhar distante, encontrar a si mesmas e vislumbrar possibilidades de futuro.

## Encontros com a diferença

Superando a barreira da língua, Ileana e Joana, de culturas distintas, tornam-se amigas e compartilham histórias e brincadeiras, a princípio, por meio de gestos e desenhos, depois por meio de palavras e gostos comuns, como a observação do céu. Na narrativa, que discute temas como exílio, amizade, adaptação e empatia, a autora mostra que a barreira linguística não é suficiente para afastar duas pessoas que gostam de sonhar e estão abertas à pluralidade do mundo.

No dia em que conhece a nova amiga, Joana chega a casa ansiosa. Mal parando para comer, joga a mochila no chão e vai olhar o céu pelo telescópio. Percebemos logo o quanto Joana se identificou com Ileana e como ela despertou sua curiosidade e seu interesse. Por meio da leitura das ilustrações, podemos acessar o imaginário das personagens, os sonhos compartilhados, os sentimentos e as fantasias.

A comunicação e a amizade entre elas se dão principalmente por meio dos jogos, das brincadeiras e dos interesses em comum. “Chegou uma menina nova lá na escola. Ela vive olhando o céu! Adora as estrelas e os cometas e gosta de desenhar meteoritos e planetas” (p. 6). É assim que Joana apresenta Ileana a seus pais, com entusiasmo e alegria. No dia seguinte, já na escola, a brincadeira com os materiais escolares as aproxima ainda mais: as meninas aproveitam os lápis coloridos, as imagens e a lousa para se conhecerem melhor (p. 10-11). Brincam de mímica e fazem gestos e sinais para conversar. Em vez de afastá-las, as diferenças geram curiosidade e empatia. É a sensibilidade, acima de tudo, que as une.

## Autoconhecimento, sentimentos e emoções

No decorrer da narrativa, tanto a verbal como a visual, entramos em contato com as trocas entre as meninas, carregadas de sentimentos fortes, tristezas, angústias e refúgios emocionais. No entanto, em nenhum momento Joana apresenta postura reativa; o que ela oferece em seu olhar e escuta, ao contrário, é aceitação, empatia e curiosidade. Ao conhecer a história de Ileana, Joana se coloca na pele da amiga, experimenta as mesmas emoções, amadurece e amplia sua visão de mundo.

Ao contar para os pais sobre a travessia perigosa da família de Ileana em busca de refúgio, por exemplo, Joana relata sobre o medo, o frio, a fome e a sede que a menina sentiu (p. 14 a 19); ela também se apoia nas palavras dela para contar sobre o sentimento de segurança proporcionado pelos braços da mãe e pelo céu como espaço coletivo, sem barreiras e sem fronteiras (p. 20-21). A identificação e a empatia de Joana em relação a Ileana são pulsantes: “Pra gente parece até uma viagem tranquila, mas para ela não foi. Foi o que ela me contou” (p. 15). É fundamentada nesses sentimentos que a amizade das duas é construída, indicando os leitores que é possível, por meio de histórias alheias, viver outras vidas e ampliar horizontes, se conhecer melhor e enxergar realidades diferentes que os tornarão mais sensível às questões do outro e do mundo.

## O mundo natural e social

Olhar o percurso das nuvens e suas formas e observar as estrelas e o céu são o pasatempo preferido das personagens. A simbologia dessas brincadeiras é bastante forte no livro, sendo que o céu já era interesse comum das duas antes de se conhecerem. Joana tem um telescópio em casa e Ileana olhava para o céu durante a dura travessia de barco, quando as estrelas serviam como bússola e o céu como refúgio, ajudando a enfrentar o medo e a manter a fantasia da infância. O céu representa ainda o lugar comum para todos, onde não há barreiras, fronteiras ou refugiados. É lá que Joana e Ileana se encontram, projetando um futuro e imaginando-se como astronautas e, enquanto não crescem, constituindo-o como lugar de sonho e fantasia. “Com os dedos, Joana e Ileana desenharam os quadrados da amarelinha na noite. E depois jogaram pedrinhas: 1, 2, 3... até o céu!” (p. 30).

Com base nesse interesse comum das meninas pelo céu noturno, conhecemos a história de uma família de refugiados e entramos em contato com os desafios da travessia. Por causa da guerra em seu país, Ileana e os pais precisam buscar refúgio em outras terras. Conhecer a história da família, saber que o pai e o avô da menina são médicos, que tiveram de juntar muito dinheiro para a viagem e que “Demorou um tempão até os pais dela decidirem abandonar tudo” (p. 16) nos coloca em outra perspectiva em relação às pessoas refugiadas, obrigadas a sair de suas casas ou a abandonar suas vidas devido a contextos sociais, políticos e histórico-geográficos. Dessa forma, o diálogo com os estudantes pode ser aprofundado para que eles compreendam melhor o sentido das palavras “alteridade”, “exílio”, “asilo” e “acolhimento” e se sensibilizem em relação a essa problemática tão complexa e cada vez mais comum em tantos países.

## 2. Propostas pedagógicas

### A LEITURA DIALOGADA DA OBRA

Praticar a **fluência em leitura oral**, necessária para a **compreensão de textos**, e conversar sobre os conteúdos por meio da leitura compartilhada é uma das práticas que tem maior impacto no futuro escolar das crianças, segundo a PNA (PNA, 2019, p. 23): “[...] essa prática amplia o vocabulário, desenvolve a compreensão da linguagem oral, introduz padrões morfosintáticos, desperta a imaginação, incute o gosto pela leitura (CARPENTIERI *et al.*, 2011)”. Esses são alguns componentes da **literacia familiar** que podem ser desenvolvidos junto aos pais e responsáveis, mas também na escola, por meio da **leitura dialogada** da obra com todos os estudantes. A seguir, você encontrará orientações para efetuar a **leitura dialogada** em três etapas: começando pelo momento de pré-leitura, seguindo para a discussão durante a leitura e finalizando com a pós-leitura. O objetivo desse movimento é garantir que os estudantes participem ativamente de cada um desses três momentos e se apropriem profundamente do conteúdo da obra. Dessa forma, quando forem propostas atividades com base no livro, conexões serão traçadas e inferências serão feitas com segurança, permitindo a apreensão do conhecimento de forma autônoma e natural.

#### Pré-leitura

Para realizar a **leitura dialogada** de *Refúgio*, sugerimos que encontre um lugar na escola, fora da sala de aula, para que se experimente um ambiente diferente e para que o momento da leitura seja especial e prazeroso. Antes da leitura mostre a capa e quarta capa para os estudantes, chamando a atenção para ilustração, texto de quarta capa, etc. Com todos sentados em roda, apresente a temática abordada e faça perguntas para que eles compartilhem seus conhecimentos prévios sobre o tema dos refugiados:

- Alguém da turma veio de outro país em situação de refúgio? Gostaria de falar sobre essa experiência?
- Alguém conhece uma pessoa na condição de refugiada?
- A palavra “refugiado” traz uma sensação boa ou ruim? Por quê?
- Vocês conseguem imaginar como seria ter de sair de seu país e de sua casa, mesmo sem querer, e ir viver em algum lugar desconhecido?

O momento de pré-leitura, além de ser importante para conhecer o que os estudantes já sabem sobre o assunto, é rico também no sentido de sensibilizá-los antes de entrarem propriamente na história.

Ainda durante a apresentação do livro, mostre a capa, a contracapa, leia as dedicatórias e apresente a ficha técnica; você pode conversar com eles sobre esse objeto tão importante e presente na vida escolar. Peça a eles que observem tamanho, textura, cores. Explique que até a obra ficar pronta e chegar às escolas e às mãos dos leitores, muitas

peças estiveram envolvidas no processo de produção: além do autor, ilustrador e tradutor, há profissionais que trabalham na edição e na revisão de textos, na diagramação, na impressão gráfica, na distribuição e na venda; e que, quem sabe, algum desses pode ser um caminho profissional no futuro.

## Leitura

Durante a leitura, para incentivar os estudantes a participar de forma ativa da atividade, decida coletivamente como o livro será lido. Cada um vai ler uma página ou uma dupla de páginas? O livro vai passando de mão em mão ou cada estudante que for ler se desloca para algum lugar da roda onde todos possam vê-lo? Se possível, peça a todos que participem. Mas se alguém não se sentir confortável para a leitura em grupo, pode se manter como ouvinte, já que a escuta e a observação também são maneiras de ler e aprender. Uma dica é solicitar que um estudante faça a leitura do texto em um exemplar, enquanto outro vai mostrando as ilustrações para o grupo, página por página, no ritmo da leitura. Outra possibilidade é a exploração do corpo e da voz: durante a leitura, os estudantes podem emprestar trejeitos e diferentes modulações de voz para cada personagem, por exemplo. Independentemente do que for praticado, o importante é que todos se sintam seguros e confortáveis com a atividade, que deve aproximá-los do prazer da leitura.

Iniciada a leitura, faça perguntas durante as pausas, nas trocas de leitor. Podem ser perguntas relacionadas ao texto, às ilustrações, e que estabeleçam paralelos entre as situações vividas pelas personagens do livro e as experiências pessoais dos estudantes.

- As estrelas se escondem mesmo durante o dia?
- O que vocês estão vendo nessas ilustrações?
- Por que acham que as autoras escolheram o azul como uma das cores predominantes no livro?
- Vocês já fizeram amizade com alguém com quem tinham algum interesse em comum?

Faça o mesmo procedimento durante toda a leitura, parando entre as passagens para questioná-los e para dialogar com eles sobre o que estão lendo e observando. Procure fazer perguntas que reforcem os conceitos trabalhados no livro, como a amizade, as diferenças, a comunicação, a empatia, os desafios da vida, o acolhimento e a situação de vulnerabilidade de pessoas refugiadas.

- Você já conheceu alguém que falava outra língua? Que estratégias vocês usaram para se comunicar?
- Ileana encontrou no céu noturno um lugar de refúgio, onde ela se sentia um pouco mais segura durante a viagem e podia imaginar coisas boas. A casa da árvore também representa esse lugar de refúgio para as amigas. Onde você se refugia quando está triste ou angustiado?

## Pós-leitura

Para o momento pós-leitura, fiquem um pouco em silêncio para apreender o que foi visto, lido e escutado. Depois, peça aos estudantes que se sentem em dupla e conversem sobre o que leram. As perguntas a seguir podem nortear a conversa.

- Gostaram do livro?
- De qual parte mais gostaram e por quê?
- Quais sentimentos e emoções a leitura despertou em cada um?
- Como se comportariam se experimentassem uma situação semelhante?
- Se pudessem criar um outro final para a história, qual seria?

*Refúgio* é um livro que trata de temas sensíveis e atuais. Nas escolas brasileiras, é bastante comum a presença de estudantes em situação de refúgio, vindo de países da América Latina, como a Bolívia, mas também congolezes, palestinos, sírios, coreanos, bengaleses, entre tantos outros. A **leitura dialogada** dessa obra, assim como as outras atividades sugeridas neste material, é uma proposição para trabalhar aspectos de Língua Portuguesa, História, Geografia e Ciências da Natureza, mas também para desenvolver a compreensão sobre o outro e trabalhar temas de fundamental importância na formação do ser humano, como a empatia, a solidariedade e o respeito à diferença.

### COMPONENTES DA PNA

- Literacia: compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário, fluência em leitura oral

### HABILIDADES DA BNCC

- Língua Portuguesa: EF15LP03; EF15LP04; EF15LP09; EF15LP10; EF15LP13; EF15LP15; EF15LP16; EF15LP18; EF35LP01; EF35LP03; EF35LP04; EF35LP21; EF35LP26

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

## OUTRAS ATIVIDADES

### Pesquisa sobre refugiados

Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, é importante considerar, nas atividades de leitura, o aprofundamento da reflexão crítica sobre os conhecimentos, dada a capacidade de abstração dos estudantes (BNCC, 2018, p. 64), e ter como base de tais atividades o conceito de **literacia**, descrito e aprofundado na PNA, que adquire especial importância como fator para o exercício pleno da cidadania.

O movimento de deslocamento de refugiados e imigrantes é hoje um dos maiores registrados na história. Os números são impressionantes, segundo a já mencionada agência da ONU para Refugiados (ACNUR). Assim, a proposta dessa atividade é que *Refúgio*

seja relido individualmente e, a partir daí, o tema central da narrativa – a questão dos refugiados no mundo – seja debatido e aprofundado durante apresentações em grupos, estimulando a reflexão crítica e a postura cidadã. Aproveite a oportunidade para trabalhar de forma interdisciplinar com Geografia e História.

Após a leitura individual e silenciosa, instigue o diálogo fazendo perguntas, lendo algum trecho do livro em voz alta e pedindo que opinem. Garanta que a conversa flua de maneira descontraída e não direcionada. Essa primeira discussão tem como objetivo introduzir a questão e conversar sobre os milhões de crianças que vivem como refugiadas no mundo, aportando conhecimento e aprendizado, criando novos sentidos de solidariedade e empatia, e combatendo a desinformação, o preconceito e a xenofobia.

Para orientar a discussão, levante junto ao grupo alguns pontos que podem ser explorados durante a pesquisa:

- O que é ser um refugiado?
- Por que as pessoas saem de seus países em busca de refúgio?
- Qual, em média, é a quantidade de crianças refugiadas no mundo?
- Existem pessoas refugiadas no Brasil? De quais nacionalidades?
- Os refugiados são bem-recebidos em nosso país?
- Existem programas públicos de acolhimento e auxílio a essas pessoas no Brasil?

A pesquisa, estimulada por essas perguntas, é uma maneira de ampliar conhecimentos, experiências e visões de mundo. Partindo da leitura de *Refúgio*, os estudantes podem refletir e se aprofundar no tema por meio de outros materiais que abordem a questão de crianças refugiadas pelo mundo e, então, apresentar suas descobertas para a turma. O estudo pode ser iniciado na escola e continuar em casa, junto aos pais ou responsáveis, usando recursos como *sites* de busca na internet, livros (há diversos títulos sugeridos nos materiais complementares), artigos em revistas e jornais, filmes e vídeos *on-line*.

O processo e o resultado da pesquisa e do desenvolvimento das reflexões devem ser organizados por cada estudante na forma de cartaz, em uma cartolina, que pode conter desenhos, recortes, anotações, dados e o que mais inspirar cada um. A produção do cartaz também pode ser iniciada na escola e finalizada em casa, com os pais ou responsáveis. Em data combinada, os estudantes apresentarão seus trabalhos para o restante da turma, mostrando os detalhes que os compõem e compartilhando o processo da pesquisa, as reflexões e os aprendizados despertados pelas leituras.

<b>COMPONENTES DA PNA</b>
• Literacia: compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita, conhecimento alfabético
• Literacia intermediária
• Literacia familiar
<b>HABILIDADES DA BNCC</b>
• Língua Portuguesa: EF15LP09; EF15LP10; EF15LP16; EF35LP17; EF35LP18; EF35LP20; EF04LP21; EF05LP24
• Geografia: EF04GE01; EF04GE02; EF05GE02; EF05GE12
• História: EF04HI09; EF04HI10; EF05HI01

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

### “O que quer, o que pode esta língua?”

As protagonistas de *Refúgio*, Ileana e Joana, falam idiomas diferentes, o que não as impede de se conhecerem, pois encontram estratégias de comunicação e diferentes maneiras de interagir e se expressar, usando recursos como “gestos, caretas e desenhos feitos em cartolina e no chão” (p. 11). Nesta atividade, vamos explorar diferentes modos de linguagem e expressão, refletindo sobre questões como pertencimento e importância da língua na constituição das sociedades, das culturas e das identidades.

A língua é o principal elemento da identidade cultural de um povo e o principal mecanismo de comunicação no convívio humano por possibilitar as relações afetivas e ideológicas dentro de um grupo ou fora dele. A identidade linguística se baseia, então, na própria identidade da linguagem que os falantes usam, especialmente em sua língua nativa, materna. Já o idioma está ligado ao conceito de cultura, sendo incorporado como um elemento que faz parte da essência do indivíduo. O idioma tem, portanto, relação com a noção de pertencimento à comunidade pelo indivíduo. Sendo assim, entendemos que para Ileana a possibilidade de se comunicar e criar relações afetivas com Joana é uma brincadeira social e psicologicamente estruturante.

Segundo a BNCC, é necessário “compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (BNCC, 2018, p. 87). Para conversar sobre essas questões, levantamos alguns pontos que podem ajudar a despertar reflexões:

- Qual será a sensação de chegar a um país diferente e não conseguir conversar com as pessoas?
- Vocês já vivenciaram uma situação semelhante a essa?
- Além de comunicar, que outras funções vocês acham que as palavras têm?
- Como vocês se sentiriam se fossem obrigados a falar uma língua imposta, diferente da sua original?
- Quantas línguas indígenas existem no Brasil?
- Por que as línguas indígenas não são consideradas idiomas em nosso país?
- Você conhece a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)?
- Qual é a diferença entre a tentativa de se comunicar por gestos de Ileana e Joana e os gestos de quem se comunica em LIBRAS?
- Além das palavras, de que outras formas podemos nos comunicar?

Agora, em dupla, os estudantes realizarão na prática a mesma brincadeira que as personagens de *Refúgio*. Cada dupla deve escolher um jeito de se comunicar um com o outro: por meio de desenhos, gestos, mímica ou qualquer modalidade criada em conjunto. A “conversa” vai acontecer em dois momentos. Primeiro, um dos estudantes interpreta o papel de entrevistador, fazendo perguntas e anotando as respostas do colega. Depois, os papéis são invertidos. Quem entrevista deve criar um roteiro de perguntas para fazer ao colega e o entrevistado vai responder às perguntas sem usar a fala. É interessante iniciar a conversa com perguntas simples e, aos poucos, torná-las mais complexas. Durante a atividade, pode-se notar como, com o tempo e a prática, a comunicação entre os indivíduos da dupla vai se afinando, o uso das palavras fica cada vez menos necessário e outras formas de comunicação surgem, como a visual, a gestual e a corporal.

Para finalizar a atividade, o entrevistador vai falar sobre o seu entrevistado para o restante da turma, que vai confirmar, ou não, as informações. A dupla pode também compartilhar com o grupo como foi o processo de cada um – os desafios, desentendimentos, conquistas e acontecimentos divertidos que se passaram durante a brincadeira.

#### COMPONENTES DA PNA

- Literacia: compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita, conhecimento alfabético
- Literacia intermediária

#### HABILIDADES DA BNCC

- Língua Portuguesa: EF15LP09; EF15LP10; EF15LP11; EF15LP12; EF35LP10; EF35LP18; EF35LP20

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

## Ler e escrever com as estrelas

Partindo ainda da ideia de diferentes maneiras de se comunicar, vamos agora explorar a leitura das estrelas, trabalhando interdisciplinarmente com Ciências da Natureza. Observar o céu é uma das atividades mais antigas da humanidade e não precisa ficar restrita aos especialistas. Olhando o céu a olho nu, sem a ajuda de um binóculo ou telescópio, é possível identificar algumas constelações e planetas. Mas, além dessa leitura “científica”, observar o céu à noite pode também servir de inspiração para explorar sentimentos em relação à vida, ao infinito e à humanidade de cada um. Dessa forma, vamos dividir a atividade em dois passos.

Em primeiro lugar, peça aos estudantes que observem o céu de suas casas e, com a ajuda dos familiares ou responsáveis, tentem identificar alguns pontos luminosos. Caso não seja possível visualizar as estrelas no céu, por conta da luminosidade ou da poluição da cidade, ou mesmo por causa de uma noite muito nublada, dá para usar aplicativos de celular que permitem “ver” estrelas e planetas em tempo real. Ao apontar o celular para o céu, os aplicativos apresentam na tela o que está sendo observado. Além de mostrar as estrelas e os astros em lugares onde eles não podem ser vistos a olho nu, o aplicativo também os identifica pelos nomes.

Para os estudantes que tiverem a possibilidade de observar o céu a olho nu, oferecemos algumas dicas que podem ser compartilhadas com o grupo:

- Abra os braços e aponte o esquerdo na direção em que o Sol se põe. Fazendo isso, você se colocará de frente para o Norte e de costas para o Sul, onde ficam o Cruzeiro do Sul e as “Três Marias”.
- A melhor época para observar estrelas é no inverno, em dias frios e secos, pois a quantidade de nuvens é menor, deixando o céu mais limpo para ver as estrelas.
- Tente encontrar no céu algumas constelações bastante conhecidas, como o Cruzeiro do Sul e a Alpha Centauri, o sistema de estrelas mais próximo do Sol. Para saber o nome dos astros e constelações, os aplicativos de celular podem auxiliar.
- Há cinco planetas que conseguimos ver a olho nu: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Eles têm brilho fixo, enquanto o das estrelas é cintilante e tremeluzente. Além disso, eles se movem mais rápido do que as estrelas.

Depois de realizada a observação do céu, a proposta é que cada estudante escreva um relato pessoal contando sobre sua experiência, contando com quais astros se identificou, como realizou a leitura, se estava sozinho ou acompanhado. Sugira que, além das informações práticas sobre como a observação do céu se deu, sejam relatados também sentimentos e emoções que surgiram durante a experiência, reconhecendo “o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias” (BNCC, 2018, p. 87). Para a elaboração desse texto, algumas etapas, descritas na BNCC, podem ser seguidas e acompanhadas pelo professor:

- Planejar o texto que será produzido.
- Considerar a linguagem, a organização e a forma do texto e seu tema.
- Re ler e revisar o texto produzido para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, e correções de ortografia e pontuação.
- Editar a versão final do texto, ilustrando-o, quando for o caso.

Depois de finalizados, os trabalhos podem ser expostos para o restante da turma, nos murais ou paredes da sala de aula, para que todos os estudantes consigam ler cada um deles. Os textos podem também ser lidos em voz alta em apresentação para o próprio grupo ou aberta a outros colegas, professores e familiares.

<b>COMPONENTES DA PNA</b>
• Literacia: compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita, conhecimento alfabético
• Literacia intermediária
• Literacia familiar
<b>HABILIDADES DA BNCC</b>
• Língua Portuguesa: EF15LP05; EF15LP06; EF15LP07; EF15LP15; EF15LP18; EF35LP07; EF35LP08; EF35LP09; EF04LP05; EF05LP06
• Ciências da Natureza: EF04CI09; EF05CI10

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

## **AVALIAÇÃO**

Avaliar as atividades educativas realizadas na sala de aula é fundamental para acompanhar o processo de cada estudante, suas evoluções, suas dificuldades e seus desafios. Com base na avaliação processual, o planejamento das próximas atividades pode também estar mais embasado em observações reais sobre o desenvolvimento de cada um. Por isso, acompanhar de perto cada etapa das atividades sugeridas, construir o conhecimento coletivamente e de maneira horizontal, manter a escuta atenta, identificando eventuais problemas e corrigindo-os antes de avançar, ajuda a olhar para cada estudante como um ser único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo que deve caminhar junto, mesmo que para isso seja necessário rever estratégias e remodelar propostas.

No final das atividades sugeridas neste material, propomos alguma etapa que funcione como conclusão de trabalho, em forma de apresentação, leitura, exposição ou compartilhamento de ideias do que foi realizado. Esses momentos e registros funcionam como ritualização do final do processo, em que todos podem observar suas produções

em conjunto, e, mais do que reunir os trabalhos de todos num único espaço, indicam o percurso de aprendizagem individual e do grupo, permitindo ao professor ter uma visão mais ampla sobre os resultados e aos estudantes refletir sobre o que aprenderam e sobre suas novas descobertas.

As indicações da BNCC e da PNA explicitadas neste material servem também como referência e parâmetro para a avaliação do processo das atividades realizadas por meio da leitura de *Refúgio*, desde a **fluência em leitura oral** e a **compreensão de textos**, até competências específicas da Língua Portuguesa e de outras áreas apontadas aqui, como História, Geografia e Ciências da Natureza. Uma boa oportunidade de avaliação é realizar uma roda de conversa na qual todos possam se posicionar e argumentar, olhando coletivamente o percurso que realizaram a partir da obra e refletindo sobre ele. Estimule os estudantes a se colocarem, compartilhando as atividades que mais gostaram de fazer e os momentos em que tiveram mais dificuldades. Você pode se posicionar como mediador(a) das conversas realizando perguntas que instiguem a autoavaliação e a percepção de cada um sobre o seu trabalho. O tema foi de interesse de todos? A leitura os instigou a ponto de buscarem outros materiais de pesquisa? Quais foram os desafios encontrados nos trabalhos em grupo? Dessa forma, podem ser observados e até mesmo listados quais aspectos devem ser desenvolvidos com mais empenho por cada um no decorrer do ano letivo.

# 3. Materiais complementares

## PARA OS PROFESSORES

- BRASIL. Ministério da Educação. Programa *Conta pra mim*. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim>. Acesso em: 22 out. 2021. Portal do programa do governo federal. Dispõe de materiais diversos com orientações e dicas para colocar em prática estratégias de interação, conversas e leitura em voz alta com as crianças.
- CRUVINEL, Larissa Warzocha; CUNHA, Andréia Ferreira de Melo. Migrantes e refugiados em *Mohamed: um menino afegão*, de Fernando Vaz. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [on-line]*, n. 58, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018586>. Acesso em: 20 set. 2021. Nessa análise de uma obra infantojuvenil sobre a guerra do Afeganistão, as autoras consideram as estratégias composicionais da narrativa, que produzem simultaneamente empatia e estranhamento em relação às referências culturais do protagonista.
- FERNANDES, Cida. Literatura como direito humano. Revista *Emília*, 14 abr. 2020. O artigo aborda como a literatura estimula e alimenta a imaginação, provoca e possibilita o exercício da alteridade, contribui para o desenvolvimento do repertório linguístico e, ainda, propicia conhecer o desenvolvimento do mundo e os conhecimentos produzidos ao longo da história.
- LORDÊLO, José; ROSA, Dora; SANTANA, Lisa. Avaliação processual da aprendizagem e regulação pedagógica no Brasil: implicações no cotidiano docente. *Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade*, Salvador, n. 17, p. 13-33, jan/jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/4555/3806>. Acesso em: 24 out. 2021. O principal objetivo do trabalho foi investigar os limites e as possibilidades na implementação da avaliação processual e da regulação pedagógica da aprendizagem na Educação Básica, uma vez que há grande convergência entre educadores sobre a necessidade de mudar a forma tradicional de avaliação – somativa, classificatória e excludente – por modalidades processuais, de naturezas formativas e includentes.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller. *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*. Campinas: Mercado de Letras & ALB; Florianópolis, IPOL, 2003. O Brasil é um país plurilíngue e os cidadãos falantes de outras línguas, não oficiais, indígenas ou de imigração, têm direito a usá-las nas suas vidas, em conformidade com a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, elaborada sob os auspícios da Unesco, aqui publicada na íntegra e comentada.

- ROSINSKI, G. *et. al.* Dialogando com as crianças sobre migrações por meio da literatura infantil. *Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco*, [s. l.], v. 11, n. 25, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1186>. Acesso em: 20 set. 2021.  
O artigo apresenta uma proposta pedagógica de alfabetização geográfica apoiada na exploração de uma obra infantojuvenil sobre a experiência de uma refugiada congoleza que vem parar no Rio de Janeiro.
- SANTANA, Caio. Um Brasil de 154 línguas. *Jornal da USP*, São Paulo, 10 jan. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/um-brasil-de-154-linguas>. Acesso em: 24 out. 2021.  
Reportagem do *Jornal da USP* sobre o livro *Línguas indígenas: tradição, universais e diversidade*, que apresenta os idiomas falados no Brasil por indígenas.
- TAN, Shaun. *A chegada*. São Paulo: SM, 2011.  
Álbum de imagens sobre as peripécias de um imigrante, separado de sua família, em um país estrangeiro. A luta por se adaptar ao país de destino (aprender a língua, achar trabalho e reunir condições para trazer seus familiares) norteia as imagens cinematográficas criadas por Tan.
- VLIBRAS. Governo Federal, Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/vlibras>. Acesso em: set. 2021.  
VLibras é um conjunto de ferramentas gratuitas e de código aberto que traduz conteúdos digitais (texto, áudio e vídeo) em português para LIBRAS, tornando computadores, celulares e plataformas *web* mais acessíveis para as pessoas surdas.

## PARA OS ESTUDANTES

- ARIAS, Patricia de; BORRÀS, Laura. *O caminho de Marwan*. Tradução: Roseana Murray. 2. ed. São Paulo: Trioleca, 2019.  
Marwan cruza mares e desertos, fugindo da guerra e da fome. Passo após passo, até a próxima fronteira, ele se esforça por recordar a voz da mãe, conduzindo pela mão os leitores rumo à liberdade. O livro recebeu Menção Honrosa na Categoria New Horizons, na Feira do Livro Infantil de Bolonha, em 2017.
- BATTAGLIA, Rafael. Manual: como observar as estrelas?. *Superinteressante*, 21 maio 2019.  
Reportagem sobre a observação do céu. Um guia cósmico com dicas (e aplicativos) para quem quer ser um astrônomo amador.
- BORDAS, Marie. *Dois meninos de Kakuma*. São Paulo: Pulo do Gato, 2018.  
Inspirado na experiência da jornalista com jovens de um dos maiores centros de refúgio do mundo – o Kakuma, fundado em 1992, no Quênia, África Oriental –, o livro, com fotoilustrações e fotografias da autora, conta a história dos amigos Geedi, garoto de origem somali, e Deng, sudanês, que vivem em Kakuma.

- MONTENEGRO, Carolina; MORICONI, Renato. *Amal e a viagem mais importante de sua vida*. São Paulo: Caixote, 2019. O livro está disponível em dois formatos: livro-app gratuito e edição impressa. Apoio: ACNUR– Agência da ONU para Refugiados.  
Após a morte dos pais durante conflitos armados no Iraque, Amal, que significa “esperança” em árabe, vai viver na Síria com o avô, que a ensina a ler, escrever e pensar a história do mundo. Depois de uma noite em que “choveram bombas”, os livros precisam ser trocados por comida e itens básicos. Um misto de medo e aventura, a obra narra o percurso de Amal para fugir da guerra na Síria. A versão impressa traz informações sobre migração e refúgio.
- MUSEU DA IMIGRAÇÃO. Migrar: experiências, memórias, identidades. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/public/exposicoes/longa-duracao/migrar-experiencias-memorias-e-identidades>. Acesso em: 20 set. 2021.  
Exposição virtual sobre o processo migratório como fenômeno constante na história. A exposição atravessa diversas épocas, com destaque para os grandes deslocamentos ocorridos nos séculos XIX e XX, e para a contribuição dos imigrantes para a formação do estado e da cidade de São Paulo. O material reunido fomenta ainda a reflexão sobre a situação atual de migrantes e refugiados.
- SARMENTO, Tadeu. *O cometa é um sol que não deu certo*. São Paulo: SM, 2019.  
Obra vencedora do prêmio Barco a Vapor, em 2017, o livro narra a história de Emanuel, menino que vive num campo de refugiados sírios na Jordânia, apresentando seus dilemas e aspirações em meio a um cotidiano de privações e incerteza.

## 4. Bibliografia comentada

- ALTO Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Dados sobre Refúgio. 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>. Acesso em: out. 2021.  
Compilação de informações estatísticas sobre a população de refugiados no mundo até o fim de 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.  
O sociólogo polonês investiga as origens e analisa o pânico moral provocado pelas migrações para a Europa e o processo de desumanização dos recém-chegados.
- BONIN, I. T.; MELLO, D. T. de; BARBOSA, L. F.; SILVEIRA, R. M. H. Direitos humanos, refugiados e migrantes: literatura infantil e acolhimento. *RIDH – Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*, Bauru, v. 9, n. 1, p. 47–70, 2021. DOI: 10.5016/ridh.v9i1.37. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/ridh3/index.php/ridh/article/view/37>. Acesso em: 20 set. 2021.  
Estudo recente em que se examinam projetos de leitura com crianças migrantes e refugiados. Também analisa uma amostra de obras infantojuvenis sobre a experiência do desenraizamento, buscando evidenciar constantes no enfrentamento desse tema.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 24 out. 2021.  
Documento que norteia o currículo de toda a Educação Básica no Brasil. Nele, encontram-se as competências e habilidades que devem ser trabalhadas a cada ano e em cada componente curricular.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Conta pra mim: guia de literacia familiar*. Brasília, DF: MEC, Sealf, 2019. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-pra-mim/conta-pra-mim-literacia.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.  
Elaborado pelo governo federal, o guia contém sugestões para você estimular o envolvimento dos familiares e responsáveis, estabelecendo uma parceria para a rotina de literacia familiar.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno\\_pna\\_final.pdf](http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf). Acesso em: 24 out. 2021.  
Instituída em 2019, a PNA é uma política que visa fomentar ações que auxiliem na melhoria da qualidade da alfabetização no Brasil, apoiando-se em evidências das ciências cognitivas.

- CARVALHO, Ana Carolina; MONTEIRO, Irene. Literatura e acolhimento. *Revista Emília*, 28 abr. 2019.  
Relato de uma experiência-piloto em uma escola estadual de São Paulo, no bairro do Bom Retiro. Quarenta por cento dos estudantes eram crianças bolivianas. Por meio dos livros, as crianças migrantes falaram sobre suas histórias, medos e angústias. A experiência teve também efeito positivo sobre os estudantes brasileiros, potencializando a troca intercultural no cotidiano escolar.
- COMITÊ NACIONAL PARA OS REFUGIADOS (CONARE). Ministério da Justiça e Segurança Pública. Refúgio em números e publicações. Disponível em: <https://legado.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso em: 24 out. 2021.  
Relatório do órgão nacional encarregado de contabilizar a população de refugiados no Brasil a fim de nortear as políticas públicas destinadas à proteção dessas pessoas em situação de vulnerabilidade.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2005.  
A primeira grande questão colocada pela obra é a semelhança nas práticas dos professores que têm e não têm sucesso no desenvolvimento do hábito de ler dos estudantes. Ambos forçam os estudantes a ler. A leitura se torna um fardo e, mesmo quando se acostuma a ler, o estudante não desfruta do prazer que poderia resultar de seu ato.
- LINDEN, Sophie Van Der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução: Dorothée de Bruchard. São Paulo: SESI-SP, 2018.  
A pesquisadora e artista plástica investiga a relação entre texto e imagem em livros ilustrados, apoiando-se na análise de mais de trezentas obras de artistas do mundo inteiro.
- PETIT, Michele. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. 2. ed., 2. reimp. São Paulo: Editora 34, 2017.  
A antropóloga francesa comenta experiências de mediadores de leitura em contextos adversos, especialmente em países da América Latina. Ela investiga diferentes modos pelos quais a forma narrativa pode funcionar como educadora da sensibilidade e como instrumento de inclusão social.
- UNESCO. Migração, deslocamento e educação: construir pontes, não muros. Relatório de Monitoramento Global da Educação 2019, resumo. Brasília, DF, 2018.  
Arrojado de dados sobre como os sistemas educacionais ao redor do mundo têm lidado com o compromisso de integrar crianças migrantes e refugiadas de modo a reconhecer seus direitos e reduzir a desigualdade.

## 5. Glossário

### POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (PNA)

- **Leitura dialogada:** interação, por meio de perguntas e respostas, entre adultos e crianças antes, durante e depois da leitura em voz alta.
- **Literacia:** conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita e sua prática produtiva.
  - **Literacia básica:** primeiro nível (da pré-escola ao fim do 1º ano do Ensino Fundamental), consiste na aquisição das habilidades fundamentais para a alfabetização (literacia emergente) para que a criança acesse, ao longo do aprendizado, conhecimentos mais complexos. Abrange os seguintes componentes essenciais para a alfabetização:
    1. *consciência fonológica:* habilidade que inclui a identificação e a manipulação intencional da linguagem oral (palavras, sílabas, aliterações e rimas).
    2. *consciência fonêmica:* habilidade de conhecer e manipular intencionalmente os fonemas, que são as menores unidades fonológicas da fala.
  - **Literacia familiar:** experiências e práticas vividas pelos estudantes com seus familiares e responsáveis antes e durante sua vida escolar.
  - **Literacia intermediária:** segundo nível (do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental), após a literacia básica (da pré-escola ao fim do 1º ano do Ensino Fundamental), e abrange habilidades mais avançadas, como:
    1. *fluência em leitura oral:* capacidade de ler com precisão, velocidade e prosódia;
    2. *desenvolvimento de vocabulário:* tem por objeto tanto o vocabulário receptivo e expressivo, quanto o vocabulário de leitura. Os leitores iniciantes empregam seu vocabulário oral para entender as palavras presentes nos textos escritos;
    3. *compreensão de textos:* é o propósito da leitura, que depende primeiro da aprendizagem da decodificação e, posteriormente, da identificação automática de palavras e da fluência em leitura oral. Outros fatores também influem na compreensão, como o vocabulário, o conhecimento de mundo e a capacidade de fazer inferências;
    4. *produção de escrita:* diz respeito tanto à habilidade de escrever palavras quanto à de produzir textos;
    5. *conhecimento alfabético:* trata-se do componente que tem por objetivo garantir que o estudante se familiarize com o alfabeto, essencial em atividades que envolvem codificação (escrita) e decodificação (leitura).

# BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

## Língua Portuguesa

- 
- EF15LP03** Localizar informações explícitas em textos.
- 
- EF15LP04** Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.
- 
- EF15LP05** Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.
- 
- EF15LP06** Ler e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.
- 
- EF15LP07** Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital.
- 
- EF15LP09** Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.
- 
- EF15LP10** Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
- 
- EF15LP11** Reconhecer características da conversação espontânea presencial, respeitando os turnos de fala, selecionando e utilizando, durante a conversação, formas de tratamento adequadas, de acordo com a situação e a posição do interlocutor.
- 
- EF15LP12** Atribuir significado a aspectos não linguísticos (paralinguísticos) observados na fala, como direção do olhar, riso, gestos, movimentos da cabeça (de concordância ou discordância), expressão corporal, tom de voz.
- 
- EF15LP13** Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).
- 
- EF15LP15** Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
- 
- EF15LP16** Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.
- 
- EF15LP18** Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.
- 
- EF35LP01** Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.
- 
- EF35LP03** Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.
- 
- EF35LP04** Inferir informações implícitas nos textos lidos.
- 
- EF35LP07** Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.
- 
- EF35LP08** Utilizar, ao produzir um texto, recursos de referência (por substituição lexical ou por pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos), vocabulário apropriado ao gênero, recursos de coesão pronominal (pronomes anafóricos) e articuladores de relações de sentido (tempo, causa, oposição, conclusão, comparação), com nível suficiente de informatividade.
- 
- EF35LP09** Organizar o texto em unidades de sentido, dividindo-o em parágrafos segundo as normas gráficas e de acordo com as características do gênero textual.
- 
- EF35LP10** Identificar gêneros do discurso oral, utilizados em diferentes situações e contextos comunicativos, e suas características linguístico-expressivas e composicionais (conversação espontânea, conversação telefônica, entrevistas pessoais, entrevistas no rádio ou na TV, debate, noticiário de rádio e TV, narração de jogos esportivos no rádio e TV, aula, debate etc.).
-

- 
- EF35LP17** Buscar e selecionar, com o apoio do professor, informações de interesse sobre fenômenos sociais e naturais, em textos que circulam em meios impressos ou digitais.
- 
- EF35LP18** Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizadas por colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
- 
- EF35LP20** Expor trabalhos ou pesquisas escolares, em sala de aula, com apoio de recursos multissemióticos (imagens, diagrama, tabelas etc.), orientando-se por roteiro escrito, planejando o tempo de fala e adequando a linguagem à situação comunicativa.
- 
- EF35LP21** Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
- 
- EF35LP26** Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.
- 
- EF04LP05** Identificar a função na leitura e usar, adequadamente, na escrita ponto final, de interrogação, de exclamação, dois-pontos e travessão em diálogos (discurso direto), vírgula em enumerações e em separação de vocativo e de aposto.
- 
- EF04LP21** Planejar e produzir textos sobre temas de interesse, com base em resultados de observações e pesquisas em fontes de informações impressas ou eletrônicas, incluindo, quando pertinente, imagens e gráficos ou tabelas simples, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
- 
- EF05LP06** Flexionar, adequadamente, na escrita e na oralidade, os verbos em concordância com pronomes pessoais/nomes sujeitos da oração.
- 
- EF05LP24** Planejar e produzir texto sobre tema de interesse, organizando resultados de pesquisa em fontes de informação impressas ou digitais, incluindo imagens e gráficos ou tabelas, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
- 

## Ciências da Natureza

- 
- EF04CI09** Identificar os pontos cardeais, com base no registro de diferentes posições relativas do Sol e da sombra de uma vara (gnômon).
- 
- EF05CI10** Identificar algumas constelações no céu, com o apoio de recursos (como mapas celestes e aplicativos digitais, entre outros), e os períodos do ano em que elas são visíveis no início da noite.
- 

## História

- 
- EF04HI09** Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.
- 
- EF04HI10** Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.
- 
- EF05HI01** Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.
- 

## Geografia

- 
- EF04GE01** Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira.
- 
- EF04GE02** Descrever processos migratórios e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.
- 
- EF05GE02** Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios.
- 
- EF05GE12** Identificar órgãos do poder público e canais de participação social responsáveis por buscar soluções para a melhoria da qualidade de vida (em áreas como meio ambiente, mobilidade, moradia e direito à cidade) e discutir as propostas implementadas por esses órgãos que afetam a comunidade em que vive.
-

## Ficha técnica

### Obra

**Título:** *Refúgio*

**Autora:** Sandra Le Guen

**Ilustrações:** Stéphane Nicolet

**Tradução:** Cláudio Figueiredo

**Editora:** Comboio de Corda

**1ª edição, 2021**

### Material Digital de Apoio à Prática do Professor

**Editora responsável:** Graziela Ribeiro dos Santos

**Editoras assistentes:** Olívia Lima e Mariane Brandão

**Produção e consultoria técnico-pedagógica:** Triolet e Millyane Moura Moreira